

APRESENTAÇÃO

 *Isabel Lustosa*^{1,2}

RESUMO

Texto que apresenta o Dossiê: Escândalos, mentiras e crimes: o lugar da comoção na imprensa periódica: fala sobre a origem da proposta; os eventos que a antecederam e um resumo comentado dos artigos incluídos.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa, sensacionalismo, criminalidade

1 CHAM-Universidade Nova de Lisboa, IHGB. Bolsista pós-doc sênior do CNPq

2 Isabel Lustosa, autora de diversos livros e artigos sobre a história política e cultural brasileira, é doutora em Ciência Política pelo antigo IUPERJ atual IESP-UERJ, sócia titular do IHGB e foi pesquisadora da FCRB por 30 anos. Ocupou a Cátedra Simon Bolívar, no IHEAL, Paris 3 e a Cátedra Sérgio Buarque de Holanda na Maison des Sciences de l'Homme, atuando como professora visitante da Universidade de Rennes-2. É, atualmente, pesquisadora integrada à Universidade Nova de Lisboa e bolsista pos-doc senior do CNPq junto ao IESP/UERJ.. E-mail: isabel.lustosa@fcsh.unl.pt

INTRODUCTION

ABSTRACT

Text introducing the Dossier: Scandals, Lies, and Crimes: The Place of Commotion in the Periodical Press: discusses the origin of the proposal; the events that preceded it; and an annotated summary of the included articles.

KEYWORDS

Press, sensationalism, crime

Recebido em: 21/10/2025 - Aprovado em: 23/10/2025

Editores responsáveis

Adriana P. Campos

Este dossiê reúne trabalhos que refletem sobre o papel da imprensa sensacionalista no desenvolvimento dos periódicos brasileiros e portugueses nos séculos XIX e XX. Partindo da constatação de que esse tipo de imprensa acabou constituindo um campo comunicacional próprio pois, mesmo quando matérias sobre escândalos, crimes e catástrofes não tinham como objetivo inicial provocar sensação, pelo seu impacto sobre o público-leitor, elas revolucionaram o mercado da notícia dando novos rumos para a empresa jornalística.

Parte desses trabalhos foi apresentada no Simpósio Internacional "*Polêmicas, escândalos e crimes: o lugar da comoção na imprensa periódica*". Realizado na Biblioteca Nacional de Portugal, em novembro de 2024, esse simpósio foi uma atividade do Grupo de Pensamento Moderno e Contemporâneo do Centro de humanidades (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa. O evento foi também uma realização do Grupo inscrito no CNPq *Imprensa e circulação de ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX*, criado em 2016 por Isabel Lustosa e Tania de Luca. Neste sentido se inscreve nos objetivos gerais da proposta do grupo que foi concebido para pensar a imprensa impressa de grande circulação e seu papel transformador em vários aspectos da vida social, política e cultura das sociedades contemporâneas. No caso específico do já citado simpósio e deste dossiê, a ideia foi reunir reflexões sobre o lugar do sensacionalismo na imprensa e seu impacto sobre o público-leitor.

O sensacionalismo como apelo comunicacional esteve presente nos impressos que incendiaram a França durante a Revolução de 1789. Os ataques violentos a Maria Antonieta, Luís XVI, aos padres e à aristocracia provocavam sensação justamente por seu caráter escandaloso e depreciativo. Daí em diante, esses recursos seguiram sendo usados de acordo com a maior ou menor censura. No entanto, é apenas com o surgimento dos chamados "*faits divers*" sob a forma de folhetim, especialmente a partir da década de 1830, que os editores descobriram como o público tinha seu interesse aumentado pela leitura dos jornais que investiam nessa linha editorial.

Ainda no século XIX, a combinação do progresso tecnológico industrial que levou ao aumento da quantidade de jornais que uma prensa seria capaz de imprimir com o surgimento de meios de transporte

avançados como o trem e os navios a vapor tonaram possível ampliar a tiragem e o alcance das publicações periódicas. Nesse processo, cresceu a percepção do quanto a notícia sensacional, o crime escabroso, o escândalo envolvendo personalidades públicas e as grandes tragédias contribuíam para o aumento das tiragens. Fenômeno que teve considerável evolução a partir da década de 1860 quando a indústria de máquinas impressoras desenvolveu equipamentos com capacidade de imprimir milhares de exemplares rapidamente.

Em sua origem, as notícias de crimes são um dos serviços de utilidade pública que a imprensa presta, assim como notícias sobre acidentes, calamidades e problemas urbanos. São informações que esclarecem e ajudam a sociedade a conhecer situações públicas que, de uma forma ou de outra, podem afetar a sua realidade objetiva. Mas a maneira como a notícia é construída, o destaque dado à sua posição no jornal, o apelo da chamada em manchete de primeira página e o reforço dessa manchete com uma imagem expressiva revelam a intenção de capturar a atenção do público leitor acima do que seria necessário para apenas informar sobre o acontecimento dentro daquelas balizas clássicas do jornalismo: quem, o quê, como, quando, onde e por quê.

Na historiografia brasileira dos últimos quarenta anos, destaque merecem os trabalhos do historiador Marcos Bretas, que a partir de sua dissertação "*A Guerra das Ruas: Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*", defendida em 1988, sob a orientação de José Murilo de Carvalho, abriram nova vereda para os estudos acadêmicos sobre esse tema e seu tema conexo, o crime. Ao lado do historiador argentino radicado no Brasil, Diego Galeano, Bretas coordena a linha de pesquisa do Grupo Imprensa e Circulação de Ideais dedicada ao jornalismo policial e criminal. Os dois fizeram importante parceria acadêmica com Dominique Kalifa (1957-2021) a partir da primeira visita deste importante historiador francês ao Rio de Janeiro, em 1999.

Dominique Kalifa (1957-2020) foi autoridade nos estudos voltados para temas como a história do crime, da polícia, dos *fait divers*, do bas-fond de Paris e da Belle Époque, sendo autor de vários livros sobre esses assuntos. A publicação de sua tese de doutorado *L'Encre et le sang* em 1995, sob a orientação de Michelle Perrot, representa um marco na

renovação dos estudos sobre a história da imprensa. Junto com Marie-Eve Therenty e outros organizadores publicou *Civilisation du journal*³, obra de referência para os que estudam a imprensa do século XIX. Tendo participado de seminários e outras atividades acadêmicas na Fundação Casa de Rui Barbosa constituiu com seus pesquisadores uma interação que resultou na obra em três volumes *"Imprensa, história e literatura: o jornalista escritor"*, lançada em 2021 pela editora daquela instituição. Sua personalidade agregadora e sua notável obra e suas conferências foram fatores fundamentais para a criação do Grupo Imprensa de circulação de ideais, do qual foi integrante. A diversidade de temas, de tempos e lugares abordados neste dossiê, demonstra como o uso de recursos sensacionalistas pela imprensa influenciou no curso da história e no movimento das ideias no Brasil e em Portugal.

Dentre os autores aqui reunidos, Valéria Guimaraes, autoridade no estudo dos chamados *"faits divers"*, um dos temas centrais na obra de Kalifa, foi responsável por sua entrada mercado editorial brasileiro. No artigo que apresenta aqui, Valéria atualiza as noções associadas ao conceito de faits divers, analisando-o do ponto de vista dos fenômenos sobrenaturais que despertaram tanto interesse da imprensa e do público leitor da passagem do século XIX para o XX. Na sequência, o texto de Amanda Mafra Lima lança um olhar sobre as colunas de Carmen Dolores publicadas entre 1905 e 1920 no jornal O Paiz, enfatizando o interesse sobre os crimes que abalaram o Rio de Janeiro, mas concentrando sua análise sobre as questões relativas a crimes contra a mulher. Amanda também resume em seu artigo o processo evolutivo material porque passou a imprensa no século XIX. Ainda nesta primeira parte do dossiê e dialogando com os trabalhos de Dominique Kalifa, Ana Porto analisa uma série de artigos publicados na imprensa do Pará no começo do século XX acerca do assassinado de uma mulher pelo marido. A autora estabelece uma relação entre a forma como foram publicados esses artigos e a dos chamados folhetins, ressaltando a repercussão que esse formato deu ao episódio.

3 Nouveau Monde, 2011, reeditado em 2017

A segunda parte do dossiê reúne três artigos que mesclam temas sociais e políticos explorados pela imprensa brasileira. O primeiro deles apresenta a imagem de um personagem hoje valorizado pelas esquerdas do Brasil e da América Latina e sua atuação como general do exército de Simon Bolívar, no processo de Independência da região que compreende a Colômbia e a Venezuela. O trabalho de desmonte da reputação de Abreu e Lima durante a década de 1830 tanto na imprensa de Pernambuco, quanto na do Rio de Janeiro é apresentado por Paulo Montini e representa contribuição original para o conhecimento dos embates que se seguiram à Abdicação de d. Pedro I no 7 de abril de 1831. Tendo retornado ao Brasil pouco depois, Abreu e Lima aliou-se aos chamados “caramurus” e defendeu a volta de d. Pedro I ao trono. O vazamento de sua correspondência pessoal orientando o irmão para uma ação armada neste sentido foi explorado de forma escandalosa pela imprensa governista. Partindo de um episódio de repressão movido pelo governo de Alagoas ao jornal O Progressista em 1866, Rodrigo Camargo de Godoi analisa o debate em torno da liberdade de imprensa no Brasil entre dois juristas e os estudos publicados sobre os crimes de injúria. Fechando esse bloco, Virginia Camiloti apresenta as origens do jornal A Pátria lançado em 1920 por João do Rio como uma forma de protesto contra a onda lusófoba. Valendo-se de recursos editoriais já então utilizados pela imprensa sensacionalista, João do Rio produz um jornalismo provocativo, crítico e denunciador na defesa não só dos trabalhadores portugueses como também dos direitos do negro e da mulher.

O dossiê fecha com três artigos sobre a imprensa portuguesa. João Pedro Ferreira, apresenta a José Agostinho de Macedo (1761-1831), personagem contraditório, de vida movimentada que, apesar de pregador régio esteve envolvido em vários escândalos de libertinagem, em inúmeras polêmicas. Macedo acreditava ser poeta superior a Camões participou de celebre polêmica sobre sua obra poética. O autor analisa os limites do humor e dos excessos de linguagem de Macedo avaliando o papel do uso desses recursos na conquista de uma opinião pública favorável às suas posições sustentadas por valores do Antigo Regime. O artigo de Cecília Vaz se detém sobre alterações de forma e conteúdo em romances-folhetins franceses quando traduzidos e publicados em Portugal durante o século XIX. A autora identifica a causa dessas alterações tanto

por influência da época em que foram publicados e republicados quanto pelo veículo em que eram reproduzidos. As mudanças nos costumes possibilitaram a publicação de cenas escandalosas que na primeira metade do século eram proibitivas. O fato de terem sido publicadas em fascículos na primeira fase e na sessão dedicada a esse tipo de literatura pelos jornais do final do século também levou em conta o público-alvo tornado bem mais amplo pelos progressos da imprensa ao longo do século XIX. Fechando este dossiê, o artigo de José Sardica nos apresenta a João Franco, personagem da história política portuguesa durante as primeiras décadas do século XX. Principal figura do final do reinado de Carlos I, a forma desastrada com que conduziu o projeto de reforma política que quis implantar, tornou-o alvo tanto da elite monárquica como dos republicanos. Uma imprensa livre, onde o humor e a caricatura alcançavam seu auge promoveu o assassinato das reputações do rei e de seu ministro e, talvez tenha estimulado os assassinatos de fato de Carlos I e de seu filho.